

Os prefixos de negação nas gramáticas históricas do português e do galego

Xoán López Viñas & Maria do Céu Caetano

Abstract: We intend in this work to analyse the negative prefixes, giving special attention to data from Portuguese and Galician historical grammars. Previous to the study of that kind of prefixes, we will specify what we understand for historical grammar and, subsequently, we will establish the catalogue of Portuguese and Galician grammars comprised under that designation. Afterwards, we will briefly discuss the statute of the prefixes in those grammars, given that some authors include them in the derivation, while for others they are part of compounding. Finally, we attempt to account for the prefixes properties, with special focus on the characterization of *a-*, *anti-*, *des-* and *in-* negative prefixes.

Gramáticas históricas do português e do galego

O catálogo de gramáticas históricas do português foi estabelecido anteriormente por Martins (1996), Penha (1997) e Caetano (2003). Os três autores diferem tanto no inventário de gramáticas como no conceito de gramática histórica, apesar de, tanto Martins como Caetano, terem partido da definição de gramática histórica proposta pelo ucraniano Yakov Malkiel (1968), que enunciou num estudo provisório os princípios necessários a que deve obedecer uma gramática histórica:

A historical grammar may be defined as a formal arrangement of strictly linguistic data pertaining to structure rather than to the lexicon and viewed in diachronic perspective; that is to say, it presupposes at least two parallel sets of forms separated by a sufficiently extended period of time for sharply marked contrasts between corresponding forms to have crystallized, if not in every instance, at

least on a considerable scale. [...] Every historical grammar is, by definition, comparative, the minimum comparison residing, we recall, in a point-by-point confrontation of two successive, reasonably distant stages of the same language (Malkiel 1968: 72-73).

Partindo desta definição já clássica e de outras sobre o conceito de gramática histórica, além da análise de diversas gramáticas históricas, propomos uma série de características que uma gramática histórica tradicional deve possuir. Assim, deverá tratar-se de um estudo diacrónico das disciplinas básicas do sistema gramatical (principalmente, fonética, morfologia e sintaxe), isento de um enfoque comunicativo, no qual terá de haver uma comparação mínima de dois estádios linguísticos tratados com amplitude e profundidade (“breath and depth” em Malkiel 1968: 73-83). A

estrutura e o método da obra deverão responder a um parâmetro comparativo e nelas deverá existir uma finalidade gramatical com teor histórico, sem necessariamente se destinar a um público “científico”.

Tendo isto como base, o acervo histórico-gramatical do português é constituído, em princípio (já que ainda não pudemos consultar três obras brasileiras), por 20 gramáticas, elaboradas tanto no território português como no brasileiro, enquanto o do galego contém unicamente 2 gramáticas históricas. O marco temporal em que se desenvolvem estas obras abrange o arco de 1876 a 1975, para o português, e de 1919 a 1997, no caso do galego. Como se pode observar, nos inícios do século XX produz-se o apogeu das gramáticas históricas do português e do galego (cf. Referências Bibliográficas), que tiveram como referência fundamental as gramáticas históricas de Diez (1836-1844) e Meyer-Lübke (1890-1902).

A prefixação nas gramáticas históricas do português e do galego

Se nos centrarmos agora no espaço dedicado à prefixação nas diversas gramáticas em estudo, teremos de afirmar, antes de mais, que esta não faz parte de todas as gramáticas históricas

do corpus, pois apenas é tratada em 17 obras, portuguesas e galegas. Numa análise mais profunda, comprovamos que estas gramáticas históricas dedicam uma atenção breve, por vezes marginal, e manifestam uma tendência oposta entre incluir a prefixação ou na derivação ou na composição, uma flutuação talvez devida a uma fraca definição deste último processo de formação de palavras.

O estatuto gramatical outorgado à prefixação corresponde, maioritariamente, ao de um tipo de composição, na sequência de Diez, tal como podemos verificar em Braga, Reinhardstoettner, Silva Jr. e Andrade, Ribeiro de Vasconcelos, Pereira, Mota, Sarmiento, Nunes, Sequeira, Lima Coutinho e Câmara. Opondo-se a esta concepção, um número reduzido de gramáticos (Ali, Huber e Ferreiro), identifica a prefixação como um processo derivativo, à semelhança de Meyer-Lübke.

Por outro lado, a prefixação aparece englobada na “Formação de palavras” em Reinhardstoettner, Silva Jr. e Andrade, Mota, Sarmiento, Nunes, Ali, Huber, Lima Coutinho e Ferreiro. No entanto, outros autores inserem este processo sob o título “Tematologia”, entre os quais temos Vasconcelos e Pereira. Num nível superior, a

disciplina linguística em que se trata a Formação de Palavras também não é unânime: alterna entre a Morfologia, o Léxico ou a especificidade enquanto disciplina.

Além disto, a identidade gramatical do prefixo também sofre de alguma indeterminação, pois desde a sua consideração geral como partícula (Reinhardstoettner, Mota, Nunes, Sequeira, Câmara), chegamos à sua catalogação como palavra (Braga, Ribeiro de Vasconcelos), termo (Silva Jr. e Andrade), afixo (Pereira, Coutinho) e/ou morfema derivativo (Ferreiro). Dentro desta indefinição, há que acrescentar a consideração prefixal que se concede às palavras *bem* e *mal*, cujas formações em que ocorrem são hoje em dia tratadas na composição. Não obstante, é coincidente a origem adverbial e preposicional dos prefixos, relacionada com a separabilidade ou inseparabilidade destes elementos.

Propriedades dos Prefixos

Entre as propriedades geralmente apontadas aos prefixos, temos as seguintes:

1. tendencialmente, são monossémicos: os prefixos são responsáveis por uma alteração regular da interpretação semântica das bases, i.e. têm significados constantes, que

habitualmente indicamos sob uma paráfrase (ex. *in-* "não X" (*incorrecto*));

2. só raramente desencadeiam reajustamentos: a variação alomórfica dos prefixos é pouco frequente (exs. *in-*, *i-legal*, *ir-romper*);

3. não alteram a posição do acento principal da palavra (exs. *legal*, *ilegal*; *favor*, *desfavor*);

4. as propriedades morfológicas de género, número, tempo-modo e pessoa-número não são alteradas pela associação de um prefixo (exs. *organização* [+fem, + sing], *desorganização* [+fem, + sing]);

5. não alteram a categoria sintáctica da base e, por isso, só intervêm em processos de adjectivação deadjectival, nominalização denominal e verbalização deverbal (exs. *legal*, *ilegal*; *organização*, *desorganização*; *fazer*, *refazer*). Cf., contudo, *anti-*, em *creme anti-rugas*, *luta anti-droga*;

6. respeitam a hipótese de unicidade da base (ex. *in-* + Adj (*evitável*, *eficaz*, *completo*));

7. podem alterar a estrutura de subcategorização da base à qual se associam (ex. *confiar* (em) / *desconfiar* (de));

8. a presença de um dado afixo na base pode favorecer ou impedir (bloquear) a associação de um prefixo a essa base.

Por exemplo, os prefixos *des-* e *in-* associam-se a Adj e os derivados são parafraseáveis por "não X" (exs. *desleal*, *incapaz*), mas o prefixo *des-* não se associa a Adj em *-vel*, neste caso só o prefixo *in-* é permitido (exs. *inacessível*, **desacessível*; *insuportável*, **desuportável*).

Prefixos de Negação: *a-*, *anti-*, *des-* e *in-*

A- / An- (gr.): inicialmente, o prefixo só ocorria junto de bases gregas, mas depois começou a juntar-se a bases vernáculas, embora confira sempre um aspecto culto. Deixou de se juntar simplesmente a Adj (ex. *acromático*) e passou também a juntar-se a nomes, sobretudo N sufixados (ex. *apolitização*);

Anti-: tem, segundo Correia (1992), valor semântico de 'oposição': a) contra X; b) que se opõe a X. X é normalmente um N (ex: *anti-religião*) mas pode também ser um Adj (exs. *anti-reumático*, *anti-higiênico*). Ainda de acordo com Correia (1992), recentemente, parece ter havido uma alteração semântica (por exemplo, em *antimíssil*, *antiaéreo* e *antitanque*, o significado parece ser o de 'defesa');

Contra-: embora seja incluído pelos gramáticos históricos nos prefixos de negação, não será aqui considerado,

por acharmos que nas formações em que ocorre é o primeiro elemento de um composto (exs. *contraproducente*, *contra-atacar*);

Des-: é um dos prefixos de negação mais frequentes em português. Junta-se a N (ex. *despreocupação*), Adj (ex. *desatento*) e V (ex. *desculpar*). Sobre este prefixo, veja-se a descrição efectuada por Brocardo & Caetano (1998);

In- / Im- (antes de bases iniciadas por bilabial) / **I-** (antes de bases que começam por uma líquida lateral) / **Ir-** (antes de bases iniciadas por líquida velar): junta-se a Adj (exs. *incerto*, *impróprio*, *ilegível*, *irresponsável*), mas pode também juntar-se a N (ex. *inconsciência*) e a verbos (ex. *incapacitar*);

In- e **des-** encontram-se em competição, embora *des-* seja muito mais frequente. Contudo, não é previsível que *in-* venha a perder disponibilidade, pela razão anteriormente apontada (cf. adj. em *-vel*, adj. deverbais que ocorrem em grande número, em português).

Segundo Silva Jr. & Andrade ([1887] 1913⁴: 311), *in-* "Desde o século XV que substituiu a negativa *não* nos compostos, e o seu emprego é hoje familiar e quasi popular. Combina-se

com substantivos, mas principalmente com adjetivos e participios: — *ingratidão, irreligião, incalculavel, incauto, inconsiderado, inconsulto; illegal, immoral, irregular.*”

Não: tal como apontado pelos gramáticos históricos (cf., por exemplo, Reinhardstoettner 1878: 155), o advérbio de negação é muitas vezes usado, como alternativa aos prefixos de negação atrás referidos. Permite negativizar N (sobretudo deverbais), como por exemplo, *não-existência* e Adj (aspecto não referido pelos gramáticos históricos), como por exemplo em *aviões não identificáveis*. Sobretudo com N, parece ter essencialmente uma função prefixal. Este elemento pode substituir todos os outros prefixos de negação, ao passo que aos outros não lhes é possível, à partida, comutarem (exs. *apolitização / não politização / *inpolitização; desatento / não atento / *antiatento; inconsciência / não consciência / *desconsciência*).

Considerações finais

Em síntese, como pudemos observar, nas gramáticas históricas reflecte-se sobre o estatuto da prefixação e dos prefixos, debate que continua actual,

ainda que hoje seja praticamente unânime a inclusão da prefixação na derivação, com excepção da chamada composição neo-clássica, em que intervêm elementos latinos e gregos.

Os prefixos possuem propriedades bem distintas das dos sufixos.

A existência de vários prefixos de negação justifica-se pelo facto de os significados de cada um não se recobrirem na totalidade e ainda pelo diferente grau de rentabilidade, o que faz com que os falantes seleccionem o prefixo de negação adequado a uma determinada base.

Referências Bibliográficas

Brocardo, Maria Teresa & Maria do Céu Caetano. 1998. "Para uma morfologia derivacional histórica do português: o prefixo *des-*". In Englebert, Annick; Michel Pierrard; Laurence Rosier & Dan Van Raemdonck (eds) *Actes du XXII^e Congrès international de linguistique et philologie romanes*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, Tome II, pp. 39-47.

Caetano, Maria do Céu. 2003. *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de Algumas Correlações Sufixais*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Correia, Margarita. 1992. *A Formação de Adjectivos em anti- em Português*. Diss. de Mestrado. Faculdade de Letras de Lisboa.

Diez, Friedrich. 1836-1844. *Grammatik der Romanischen Sprachen*. Bonn: Weber, 3 vols. (trad. fr. de Gaston Paris, 1863, *Grammaire des Langues Romanes*. Paris, Franck).

Malkiel, Yakov. [1960] 1968. "A Tentative Typology of Romance Historical Grammars". In *Essays on Linguistic Thems*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 71-164.

Martins, Ana Maria. 1996. "Gramáticas Históricas do Português". In *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, vol. III. pp. 53-71.

Meyer-Lübke, Wilhelm. 1890-1902. *Grammatik der Romanischen Sprachen*, 4 vols. [I: *Lautlehre* (1890), II: *Formenlehre* (1893), III: *Syntax* (1899), IV: *Register* (1902)]. Leipzig : Fues (Reisland). Trad. fr. de E. Rabiet (I), A. e G. Doutrepoint (II-III), id., com A. Counson (IV). 1890-1906. *Grammaire des Langues Romanes*. Paris : Welter.

Penha, João Alves Pereira. 1997. "Nossas gramáticas históricas". In

Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Colibri/APL, vol. II. pp. 521-524.

Gramáticas históricas do português e do galego

Ali, Manuel Said. [1931] 1964³. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.

Braga, Teophilo. 1876. *Grammatica Portugueza Elementar*. Porto: Livraria Portuguesa e Estrangeira.

Câmara, Joaquim Mattoso. 1975. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão / Prolivro.

Cornu, Jules [1884] 1906². *Grammatik der Portugiesischen Sprache*. Strassburg: Karl J. Trübner.

Coutinho, Ismael de Lima. [1938] 1973⁶. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica

Ferreiro, Manuel. [1995; 1997] 1999⁴; 2001². *Gramática histórica galega. I. Fonética e Morfosintaxe; II. Lexicoloxía*. Santiago de Compostela: Laiovento.

García de Diego, Vicente. [1909] 1984. *Elementos de gramática histórica gallega. Fonética-Morfología*. Edición facsimilar. Anexo 23 de *Verba*.

Horta, Brant. [1930?] s.d.³. *Noções de Gramática Histórica da Língua Nacional*. Rio de Janeiro: J. R. de Oliveira & C^{ia}.

- Huber, Joseph. [1933] 1986. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, Jaime de Sousa. [s.d.] 1937². *Elementos de Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Mota, Othoniel. [1916] 1937⁸. *O Meu Idioma*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Nascentes, Antenor. 1929. *O Idioma Nacional. Vol. IV*. Rio de Janeiro: Livraria Machado.
- Nunes, José Joaquim. [1919] 1930². *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Pereira, Eduardo Carlos. [1916] 1935⁹. *Grammatica Historica*. São Paulo: Companhia Editora.
- Reinhardtstoettner, Carl von. 1878. *Grammatik der Portugiesischen Sprache*. Strassburg: Karl J. Trübner
- Sarmiento, Hermínio. 1917. *Gramática Histórica e Comparativa da Língua Portuguesa*. Póvoa do Varzim: Livraria Povoense-Editora.
- Sequeira, Francisco Júlio Martins. [1938a] 1959³. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Popular.
- Sequeira, Francisco Júlio Martins. 1938b. *Gramática de Português*. Lisboa: Livraria Popular.
- Silva Jr., Manuel Pacheco da. 1978. *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Typ. A Vapor de D. M. Hazlett.
- Silva Jr., Manuel Pacheco da & Lameira de Andrade. [1887] 1913⁴. *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Vasconcelos, António Garcia Ribeiro de. 1900. *Grammatica Histórica da Língua Portuguesa*. Paris & Lisboa: Aillaud, Alves & C^{ia}; Rio de Janeiro & São Paulo & Belo Horizonte: Francisco Alves & C^{ia}.
- Williams, Edwin Bucher [1938] 1961. *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Brasília: Instituto Nacional do Livro.